



GUERRA NA FLORESTA: caiapós ameaçam reféns no Pará se terras não forem demarcadas pela Funai

Caiapós ameaçam matar 16 reféns

Já está faltando comida para os turistas dominados no Pará pelos índios, que exigem a demarcação imediata de terras

Os índios caiapós da reserva Baú, em Altamira (PA), ameaçam matar os 16 reféns que estão em seu poder desde sexta-feira se, até as 11h de hoje, a direção da Fundação Nacional do Índio (Funai), em Brasília, não autorizar a demarcação imediata de suas terras.

Os reféns integram um grupo de empresários e pequenos comerciantes de Avaré (SP) e de Novo Progresso (PA), que foi dominado quando praticava pesca esportiva na margem esquerda do rio Curuá, um dos afluentes do rio Xingu.

"Pelo amor de Deus, façam alguma coisa. Se o governo ou a Funai não tomarem uma providência, todas as pessoas que estão aqui correm sério risco de vida. Os índios ameaçam matar todo mundo, inclusive a mim, que estou negociando com eles a libertação dos reféns."

O autor do apelo foi Francisco Rocha, funcionário da Funai em Colider (MT), que foi designado

pelo chefe do posto do órgão, cacique Megaron, para ir até a aldeia negociar a soltura das 16 pessoas.

"Os índios não querem acordo. O presidente da Funai, Glênio da Costa Alvarez, prometeu atender à reivindicação dos índios, mas não marcou data para o início do trabalho. Eles estão fartos das promessas da direção da Funai", resumiu Rocha

Ontem, o cacique Megaron criticou a demora do órgão na demarcação da reserva. "É por isso que os índios estão muito revoltados e radicalizando para soltar os reféns", afirmou.

"O problema está em Brasília, na direção da Funai, e no Ministério da Justiça, que não querem atender os índios", acrescentou o cacique. Segundo Megaron, são 16 e não 15, como foi inicialmente divulgado - os pescadores mantidos como reféns por um grupo de trinta índios.

Negociação interrompida

Os dez pequenos empresários e comerciantes de Avaré que integram o grupo são os seguintes: Frederico Landi Filho, Luiz Alberto Landi, André Luiz Landim, Vilson Roberto Landim, todos da mesma família, Luiz Carlos da Silva, Vilmar Barbosa Campos, Luiz Fernando Ribeiro, Armando Donini, Orlando

Donini e Emerson Antonio Martins.

Os outros seis pescadores em poder dos caiapós são do município de Novo Progresso: Gersorino da Silva, Roque Mendes de Oliveira, Laércio Monteiro de Oliveira, Edilson Cristino, Valmir Alves Pereira e Raimundo Soares da Silva.

O presidente da Funai, Glênio da Costa Alvarez, prometeu atender à reivindicação dos índios, mas não marcou data para o início do trabalho. Os caiapós interromperam a negociação com a Funai.

Cerca de 120 índios vivem numa área de 1.850.000 hectares, entre os municípios de Altamira e Novo Progresso.

Os pescadores estão na mata, a 10 km da aldeia, vigiados por trinta índios armados. A comida acabou no início da tarde de ontem.

Um rádio amador de Santarém que manteve contato com a aldeia caiapó informou ao JT que os reféns teriam sido amarrados com cipó nas árvores para não fugir.

Um avião com um delegado e agentes da Polícia Federal de Santarém deslocou-se pela manhã para Novo Progresso e de lá seguiria até a aldeia. Os policiais tentariam intermediar uma negociação com os líderes indígenas para a libertação dos reféns.

Os índios denunciam a invasão das suas terras, ricas em mogno e ouro, por madeireiros, garimpeiros e grileiros.

Carlos Mendes/AE